



Critérios de Pesquisa:

Período: 01/10/2024 a 31/10/2024

Assunto: "Coronavírus" or "COVID"

Documento 1/13

176.2024	Sessão Ordinária - CD	15/10/2024-17:12
Publ.: DCD - 10/16/2024 -	Bia Kicis-PL -DF	
	BREVES COMUNICAÇÕES	PELA ORDEM DISCURSO

Sumário

A Deputada abordou a grave situação da saúde no Brasil sob a liderança da Ministra da Saúde, criticando sua gestão. Mencionou a recente contaminação de transplantados pelo vírus HIV, no Rio de Janeiro (RJ), atribuindo a responsabilidade à revogação de portarias relacionadas ao controle de transplantes. Também criticou a revogação de uma portaria que exigia boletim de ocorrência em casos de aborto decorrente de estupro, alegando que isso deixou estupradores livres. Destacou, ainda, o aumento de casos e mortes por dengue e a falta de vacinas em mais de 64% dos Municípios, contrapondo essas questões à perseguição de pais que se opõem à vacinação de crianças contra a COVID-19.

A SRA. BIA KICIS (PL - DF. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) - Sra. Presidente, colegas, o momento que estamos vivendo é de extrema gravidade em vários aspectos. Se nós formos falar de liberdade, este é um dos momentos mais sombrios do País. Se nós formos falar da correlação de forças entre os Poderes, da falta de equilíbrio, da falta de harmonia, este é o momento mais sombrio do País.

Mas eu quero falar agora sobre a Ministra da Saúde. Eu quero falar do caos da saúde no Brasil e dessa Pasta, que é liderada por uma mulher. Essa mulher, que é uma socióloga, está realmente fazendo com que a saúde afunde no Brasil.

A última notícia que nós tivemos foi a questão da contaminação de transplantados pelo vírus HIV, o vírus da AIDS. Seis pessoas do Rio de Janeiro, se não me engano, ou seja, pessoas que estão com a saúde já debilitada, receberam órgãos transplantados infectados pelo vírus da AIDS.

E o que Ministra tem a ver com isso? A Ministra, tão logo assumiu o Ministério da Saúde, foi correndo tomar várias providências, Presidente Adriana Ventura. Uma delas foi a revogação da portaria que garantia que, em caso de estupro, para a realização de aborto decorrente de violência sexual contra a mulher, fosse feito um boletim de ocorrência na polícia informando aquele aborto. Para quê? Para que a mulher não pudesse abortar? Não, a



mulher faria aquilo que a lei permite atualmente, mas o estupro seria investigado. A Ministra revogou essa portaria. E, agora, os estupradores estão livres, leves e soltos.

Mas não bastasse essa portaria ter sido revogada, ela revogou mais duas portarias que diziam respeito ao controle de órgãos transplantados. Essas portarias foram editadas no Governo Bolsonaro, que o pessoal do outro lado da tribuna fica gritando que era genocida — lembram-se disso? —, o qual, no entanto, sempre se preocupou com a saúde das pessoas, com a saúde das mulheres, com a saúde das crianças.

Isso foi denunciado pelo Dr. Francisco Cardoso e pelo Dr. Raphael Câmara, dois médicos que foram eleitos para o Conselho Federal de Medicina — CFM recentemente. Eles denunciaram que a infecção dos órgãos transplantados esses dias, no Rio de Janeiro, tem a ver com a revogação dessas portarias. Isso pegou tão mal, que eles já mandaram editar de novo as portarias. Mas isso não basta. É preciso que se investigue o caso e que se punam os responsáveis.

Além disso, vamos pensar no caos da saúde no caso da dengue. Houve recorde de casos de dengue e recorde de mortes por dengue no País sob o comando dessa mulher, que parece não ter noção do que é gerir o Ministério da Saúde.

Então, nós temos o caso da dengue. Nós temos ainda o caso da contaminação dos órgãos. Nós temos também o caso das mulheres que são violentadas, cujos estupradores ficam livres para continuar estuprando, porque não são investigados ao não mais se comunicar o estupro à polícia para se fazer um aborto.

Deputada Adriana Ventura, que preside esta sessão, mais de 64% dos Municípios, se não me engano, estão sem vacinas. Enquanto isso, esse pessoal dessa mente canhota, sinistra fica perseguindo pais que não querem que seus bebês sejam submetidos a um experimento da picada contra a COVID. Não estamos mais na pandemia, não há mais risco. Bebês, crianças nunca foram o público-alvo dessa vacinação. Enquanto o Brasil, por conta desse pessoal canhoto, fica perseguindo pais que querem cuidar da saúde de seus filhos, as outras vacinas estão em falta nos Municípios.

Tudo isso, vergonhosamente, está sendo dirigido, liderado por uma mulher. E fica aquele pessoal do lado de lá gritando: "*Mais mulher na política! Mais mulher na política!*" Sim, eu sou a favor de mulheres na política, mas mulheres competentes. Não é porque é mulher, não, porque essa é uma incompetente, que só queria saber de lacrar. Quando eu presidia a Comissão de Fiscalização Financeira e Controle — fui a primeira mulher a presidir essa Comissão —, a Ministra Nísia lá esteve, e ela não respondia uma pergunta, só queria saber de lacrar. Era só lacração. Nós trazíamos médicos honrados, reconhecidos internacionalmente, Sra. Presidente, para falarem de estudos, de fatos, trazerem dados, e a Ministra lacrava, lacrava, e agredia os Parlamentares, e agredia os médicos, ignorava os dados e os fatos. Ela continua ignorando os fatos no caso da dengue, no caso da falta de vacinas e no caso da infecção de órgãos



transplantados. Manifesto minha solidariedade a essas pessoas já debilitadas que dependem de um transplante, e têm esta surpresinha, com a assinatura da Ministra Nísia: infecção por HIV.

Muito obrigada, Sra. Presidente.

Documento 2/13

179.2024	Sessão Ordinária - CD	17/10/2024-13:00
Publ.: DCD - 10/18/2024 -	Erika Kokay-PT -DF	
	ORDEM DO DIA	DISCUSSÃO DISCURSO

Sumário

A Deputada discutiu a Medida Provisória nº 1.237, de 2024, que abre crédito extraordinário, em favor da Justiça Federal, da Defensoria Pública da União, do Ministério do Trabalho e Emprego, e de Encargos Financeiros da União, no valor de R\$ 2.036.694.007,00, para os fins que especifica. Ademais, celebrou a atuação cuidadosa do Governo Lula para socorrer as vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul e responsabilizou o Governo local pela sua inoperância em evitar o desastre ambiental. Além disso, criticou o Governo Bolsonaro pela sua gestão negacionista, contrária à ciência, no combate à pandemia do coronavírus, responsabilizando-o pelo elevado número de mortes.

A SRA. ERIKA KOKAY (Bloco/PT - DF. Sem revisão da oradora.) - Penso que esta medida provisória possibilita que nós tenhamos prazo hábil para que os recursos já destinados para o Rio Grande do Sul sejam efetivados. O prazo de execução destes recursos, dos quais se executaram pouco mais de 50%, extingue-se agora, no final deste mês. Portanto, nós estamos possibilitando que estes recursos, que já foram destinados, sejam efetivamente executados, e nós possamos fazer com que eles se transformem em auxílios efetivos ao povo do Rio Grande do Sul.

Digo que nunca tivemos um olhar tão cuidadoso com o Rio Grande do Sul ou com as vítimas das tragédias como nós tivemos durante o Governo Lula. O Governo Lula não mediu nenhum esforço, nenhum esforço. Aliás, ele esteve lá no Rio Grande do Sul. Vários representantes, de vários Ministérios, estiveram no Rio Grande do Sul, para assegurar que o povo do Rio Grande do Sul tivesse condições de superar a tragédia, que é fruto, em grande medida, da inoperância do Governo local, do Governo, que não efetivamente estabeleceu as condições para impedir o desastre que o Rio Grande do Sul vivenciou, e é fruto de um negacionismo estrutural que vitimou este País, durante alguns anos, a partir do Governo anterior, o Governo que foi derrotado nas urnas, o Governo que foi derrotado nas urnas.



Eu sei que há uma resistência muito grande. Alguns defendiam o uso da cloroquina, não defendiam as medidas corretas, inclusive não medicamentosas, para o enfrentamento à pandemia. Os que defendiam o uso da cloroquina são os que negam a ciência — negam a ciência! —, negam a vida e acham que a necropolítica tem que ser uma realidade. Querem determinar que o Estado pode ter domínio sobre a vida das pessoas. Eu lembro muito, aliás, que os que defendiam o uso da cloroquina diziam que era uma gripezinha, que vitimou 700 mil pessoas. Muitas dessas pessoas poderiam estar vivas no Brasil, se nós não tivéssemos tido um governo que era contra a ciência. Esse negacionismo também se refletiu no negacionismo ambiental, o que possibilitou que nós vivenciássemos muitas tragédias ambientais no País.

O Governo Lula em nenhum momento hesitou em dar todo o apoio necessário para a superação da tragédia. O Governo renegociou dívidas e, ao mesmo tempo, retirou os juros das dívidas e estabeleceu vários programas, para que o povo do Rio Grande do Sul possa se reerguer.

Por isso, é "sim"...

(Desligamento do microfone.)

Documento 3/13

179.2024	Sessão Ordinária - CD	17/10/2024-13:08
Publ.: DCD - 10/18/2024 -	Erika Kokay-PT -DF	
	ORDEM DO DIA	PELA ORDEM DISCURSO

Sumário

A Deputada orientou a bancada na votação do parecer da Comissão Mista, na parte em que manifesta opinião favorável quanto ao atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e urgência e de sua adequação financeira e orçamentária, relativo à Medida Provisória nº 1.237, de 2024, que abre crédito extraordinário, em favor da Justiça Federal, da Defensoria Pública da União, do Ministério do Trabalho e Emprego, e de Encargos Financeiros da União, no valor de R\$ 2.036.694.007,00, para os fins que especifica. Além disso, contestou a defesa da cloroquina como política de saúde pública para o combate à pandemia do coronavírus, responsabilizando o Governo Bolsonaro pelo elevado número de mortes.

A SRA. ERIKA KOKAY (Bloco/PT - DF. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) - Esta medida provisória, que vem do Governo Federal, é uma ode à vida, é uma ode à vida.

Defender que ode à vida é cloroquina é um açoite na ciência, é um escárnio à



população brasileira, que chora a morte de seus entes queridos. Porque todo mundo que parte é amor de alguém. Essas pessoas faleceram em função da ausência de uma posição que preservasse a vida. Nós tivemos mais de 700 mil mortes no Brasil, mais de 700 mil mortes. Enquanto o Estado do Amazonas lutava para ter oxigênio, o Governo Federal defendia o uso da cloroquina, que, conforme toda a ciência, não é o instrumento adequado para o enfrentamento à COVID. Portanto, nós temos no Brasil uma tristeza imensa, imensa, pelas mais de 700 mil pessoas que morreram. O Governo dizia que era uma gripezinha, o Governo dizia que era preciso que o povo tomasse cloroquina. O Presidente da República chegou a dizer que a vacina poderia transformar as pessoas em jacaré. Eu acho que a memória sobre tudo isso está muito viva.

Quase 100 bilhões de reais, especificamente 98,7 bilhões de reais foram destinados pelo Governo Federal, pelo Governo Lula, para atender o povo do Rio Grande do Sul.

Porque há que se cuidar da vida, há que se valorizar a vida, e não negar o que o Brasil vivenciou e desprezar a dor dos familiares de 700 mil pessoas.

Documento 4/13

179.2024	Sessão Ordinária - CD	17/10/2024-13:08
Publ.: DCD - 10/18/2024 -	Dra. Mayra Pinheiro-PL -CE	
	ORDEM DO DIA	PELA ORDEM DISCURSO

Sumário

A Deputada orientou a bancada na votação do parecer da Comissão Mista, na parte em que manifesta opinião favorável quanto ao atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e urgência e de sua adequação financeira e orçamentária, relativo à Medida Provisória nº 1.237, de 2024, que abre crédito extraordinário, em favor da Justiça Federal, da Defensoria Pública da União, do Ministério do Trabalho e Emprego, e de Encargos Financeiros da União, no valor de R\$ 2.036.694.007,00, para os fins que especifica. Ademais, celebrou o Dia do Médico, parabenizando os médicos do Rio Grande do Sul, que socorreram os brasileiros abandonados pelo Governo Federal. Além disso, celebrou a atuação dos médicos brasileiros, representados pelo Grupo Médicos pela Vida, durante a pandemia do coronavírus. Por último, criticou os que discutem questões de saúde e de natureza médica sem o adequado conhecimento científico, criando falsas narrativas de cunho ideológico.

A SRA. DRA. MAYRA PINHEIRO (PL - CE. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) - O PL orienta, "sim", Deputada.

Aproveito a oportunidade para lembrar que amanhã é o Dia do Médico no



Brasil e para fazer a minha homenagem pública a todos os médicos do Rio Grande do Sul, do SOS Rio Grande do Sul, que socorreram os brasileiros abandonados pelo Governo Federal.

Agradeço também a todos os médicos brasileiros, aqui representados pelo Grupo Médicos pela Vida, que, durante a pandemia, a despeito de colocarem sua vida em risco, ao lado de todos os outros profissionais da saúde, não se negaram a socorrer brasileiros de todas as partes do Brasil.

Hoje nós médicos não vamos continuar uma discussão que foi alimentada na pandemia com o objetivo de retirar do poder um presidente legitimamente eleito, falando-se de tratamento ineficaz, discutindo-se sobre máscaras e vacinas com pessoas que não são médicas. Essa discussão já foi encerrada.

Eu não discuto medicina com jornalistas, que não são capacitados para discutir medicina, nem com políticos, que não têm capacidade alguma de discutir medicina ou eficácia ou ineficácia de tratamentos. Vou continuar defendendo a autonomia médica, segundo o Conselho Federal de Medicina. Lamento que pessoas que não são médicas se apropriem do seu espaço de fala nesta Casa e, por puro desconhecimento científico, falem contra medidas que salvaram vidas. Hoje a literatura científica, os grandes institutos internacionais, os grandes centros de pesquisa já falam de tudo o que nós defendíamos na pandemia. Então, não há por que continuarmos, por orientação ideológica, defendendo, construindo narrativas que não têm mais seu lugar, que não têm mais seu espaço na sociedade. Isso é lamentável.

Documento 5/13

179.2024	Sessão Ordinária - CD	17/10/2024-13:12
Publ.: DCD - 10/18/2024 -	Erika Kokay-PT -DF	
	ORDEM DO DIA	PELA ORDEM DISCURSO

Sumário

A Deputada defendeu as medidas adotadas pelo Governo Lula para socorrer o Estado do Rio Grande do Sul, devastado por enchentes e catástrofes climáticas, elogiando a iniciativa da Medida Provisória nº 1.237, de 2024, que abre crédito extraordinário, em favor da Justiça Federal, da Defensoria Pública da União, do Ministério do Trabalho e Emprego, e de Encargos Financeiros da União, no valor de R\$ 2.036.694.007,00, para os fins que especifica. Ademais, condenou a orientação política anticientífica do Governo Bolsonaro durante a pandemia do coronavírus, que questionou a vacina e promoveu a cloroquina. Além disso, criticou o médico Osmar Terra por ter subestimado a letalidade do vírus. Por fim, defendeu que os médicos têm o dever de dialogar com a sociedade.



A SRA. ERIKA KOKAY (Bloco/PT - DF. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) - Sra. Presidente, o Governo é autor da medida provisória.

Aqui é preciso que entendamos que há que se dialogar, sim, com a população. Há que se dialogar inclusive com os familiares dos mortos pela COVID-19, particularmente, das pessoas que poderiam estar conosco.

Aliás, por falar em medicina — e eu faço daqui as minhas homenagens aos médicos; tenho dois filhos médicos —, eu me lembro de Mandetta, o médico, que se retirou do Ministério da Saúde em função do caráter anticientífico que o Ministério da Saúde estava sendo obrigado a exercer.

Como é que se questiona vacina!? Como é que se questiona vacina!? Como é que se fala que cloroquina é remédio eficaz para a COVID-19?

Aliás, é bom também lembrar que o médico Osmar Terra — e vou concluir, Sra. Presidente — chegou a dizer que a COVID-19 mataria menos pessoas do que a H1N1 matou, que ocorreriam de 900 a 2 mil mortes. Foram 700 mil pessoas mortas neste País, mais de 700 mil pessoas!

Não me venham aqui, com a arrogância de quem não tem a capacidade de fazer autocrítica — e cloroquina não combate a COVID —, dizer que os médicos não têm que dialogar com a sociedade! Eles têm que dialogar com a sociedade e respeitar a dor das pessoas.

Aliás, fascistas têm muita dificuldade de sentir a dor do outro, porque têm dificuldade de ter empatia.

Nós estamos aqui, e são quase 100 bilhões de reais do Governo Lula para o Rio Grande do Sul, para fazer uma ode à vida, para acolher e para entender que o negacionismo da ciência e da realidade é nefasto para o País.

Documento 6/13

179.2024	Sessão Ordinária - CD	17/10/2024-13:16
Publ.: DCD - 10/18/2024 -	Erika Kokay-PT -DF	
	ORDEM DO DIA	COMO LÍDER DISCURSO

Sumário

A Deputada repudiou o negacionismo do Governo Bolsonaro, que defendeu a cloroquina como tratamento para a COVID-19, mesmo diante das evidências científicas em contrário. Ademais, responsabilizou o Governo Bolsonaro pelos milhões de mortes durante a pandemia e reforçou a importância das vacinas e do uso de máscaras, defendendo que a ciência deve ser respeitada. Além disso, parabenizou o Governo Lula pela destinação de recursos para socorrer o Estado do Rio Grande do Sul, devastado por enchentes, e defendeu o respeito à



democracia e o combate às políticas prejudiciais ao meio ambiente. Adicionalmente, recriminou o negacionismo climático do Governo Estadual do Rio Grande do Sul, que poderia ter atuado preventivamente e evitado as enchentes. Por fim, convocou a sociedade para valorizar a diversidade e a ciência, evitando narrativas que desconsideram a dor e a luta do povo brasileiro.

A SRA. ERIKA KOKAY (Bloco/PT - DF. Como Líder. Sem revisão da oradora.) - Foi estrutural o negacionismo que o Brasil vivenciou. Negou-se a realidade. Como alguém aqui pode, depois de tanta dor que o País vivenciou... Todas as pessoas que aqui estão perderam alguém querido, alguém que não usou máscara, alguém que foi estimulado a ir para casa porque havia uma lógica, no Governo Federal anterior, a lógica do Presidente da República, que chegou a ofertar cloroquina — ele parecia o garoto-propaganda da cloroquina —, quando toda a ciência dizia que a cloroquina não era uma medicação eficaz contra a COVID-19. Aliás, ele negligenciou as denúncias de corrupção com relação às vacinas.

Quando nós começamos a ter vacina neste País, nós debelamos a COVID-19. Mas parece que isso não aconteceu, e alguém aqui se sente orgulhoso de ter a alcunha de "capitã cloroquina".

Quando Manaus estava sem oxigênio e as pessoas carregavam tubos de oxigênio em carrinhos para poder salvar, de forma desesperada, seus familiares, havia a discussão de que era preciso usar a cloroquina, o que ia contra todas as evidências científicas.

Aqui houve uma campanha para que as pessoas não usassem máscaras e pudessem estar em condições vulneráveis à COVID-19, porque se apostava no contágio coletivo e na imunidade através do contágio. Teria havido a morte de milhões de pessoas no Brasil se o STF não tivesse decidido autorizar os Estados e os Municípios a tomar as medidas necessárias para evitar a propagação da COVID-19.

Nós escutamos o ex-Presidente da República dizer que o povo brasileiro toma banho em esgoto e, por isso, é forte. Ele dizia que a COVID-19 era uma gripezinha. O Sr. Osmar Terra chegou a dizer que nós não teríamos 2 mil mortes no Brasil em decorrência da COVID-19.

Como puderam usar isso como exemplo? Nós teríamos que aqui dizer: *"Que bom que nós temos a vacina! Que bom que Estados e Municípios estimularam o uso de máscaras! Que bom que hoje nós temos um Governo no Brasil que não anda de jet ski enquanto o povo afunda na água, como fez o Presidente anterior, hoje inelegível, que andava de jet ski no litoral de Santa Catarina enquanto a Bahia enfrentava uma enchente!"*

Não se apaga a memória das pessoas. Não se captura a memória das pessoas nem se consegue moldá-la de acordo com seus interesses. Nós estamos aqui



dizendo: *"Que bom que a ciência voltou a ser respeitada neste País! Que bom que nós temos de volta os dados!"*

Ontem, nós aprovamos uma proposição para que volte a acontecer a publicidade dos dados. Houve a desagregação de dados sobre a educação. Isso foi retirado do País durante o Governo Bolsonaro em 2022, porque eles não queriam divulgar os dados. Havia obscurantismo e trevas. As pessoas se sentiam ameaçadas por defenderem a ciência e a democracia, porque aquele Governo passou a açoitar a democracia e continua fazendo isso, já que querem anistiar as pessoas que atentaram contra a democracia e foram para a frente dos quartéis exigir intervenção militar.

Respeitem a dor deste País! Respeitem a potencialidade democrática e a potencialidade que o Brasil tem para não ficarmos aprisionados por uma política antiambientalista, como a que nós tivemos no Governo anterior. Naquele Governo, havia a política antiambientalista e a política contra a ciência. Parecia que nós estávamos vivenciando o que cientistas como Giordano Bruno e Galileu Galilei enfrentaram nas fogueiras da inquisição, porque o Governo daquela época atestava, todos os dias, que a ciência não deveria ser respeitada. Colocaram as universidades públicas como inimigas do Brasil, quando as universidades públicas é que desenvolvem a pesquisa neste País.

O Brasil precisa se libertar das trevas. O País precisa se libertar desta narrativa da morte, uma narrativa mentirosa que acha que pode capturar a política, que é instrumento de construção de sínteses. Nós construímos muitas sínteses neste Parlamento e não podemos ter a política como instrumento de ódio, de anulação do outro, pois isso considera que o outro não tem o direito de existir porque não é como eu sou.

Nós precisamos fazer uma ode à diversidade e à ciência, para que tenhamos medidas concretas. Nós temos mais de 90 bilhões de reais no Governo Lula para auxiliar o Rio Grande do Sul, que enfrentou enchentes que poderiam ter sido evitadas se tivesse havido a atuação do Governo local, se não tivesse havido o negacionismo climático. Eles negam a existência das mudanças climáticas. Aliás, continuam falando em passar a boiada. Nós não queremos mais as marcas e as dores dos cascos das boiadas na nossa pele. Nós queremos um país que respeite o meio ambiente, que respeite a democracia, que respeite a ciência, que respeite o povo e que não seja insensível à dor do outro.

Mais de 700 mil pessoas morreram por causa da COVID-19. Muitas delas poderiam estar conosco, se não tivéssemos tido a política que tínhamos àquela época.



Publ.: DCD - 10/30/2024 Ivan Valente-PSOL -SP
-

BREVES
COMUNICAÇÕES

BREVES
COMUNICAÇÕES
DISCURSO

Sumário

O Deputado manifestou-se contra a decisão do Presidente da Câmara, Arthur Lira, de enviar o Projeto de lei nº 2.858, de 2022, de anistia aos envolvidos nos atos de 8 de janeiro para uma Comissão Especial, ao invés de mantê-lo na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC). Afirmou que essa decisão estaria ligada a uma tentativa de apoio político para a votação à Presidência da Câmara, em 1º de fevereiro. Criticou as tentativas de bolsonaristas de aprovar a Proposta de Emenda à Constituição nº 50, de 2023 e a Proposta de Emenda à Constituição nº 28, de 2024, para limitar o poder do Supremo Tribunal Federal (STF), que vê como um ataque à democracia e uma tentativa de instaurar uma ditadura legislativa. Também destacou que muitos dos envolvidos nos ataques já foram identificados e que não deveriam ser anistiados, inclusive o ex-Presidente Bolsonaro, que foi responsável por crimes graves, como a má gestão da pandemia de COVID-19 e ataques à democracia.

O SR. IVAN VALENTE (Bloco/PSOL - SP. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Srs. Deputados, amanhã vou falar do balanço eleitoral, mas hoje vou falar de uma questão nova que foi decidida pelo Presidente da Câmara, Deputado Arthur Lira. S.Exa. decidiu passar o PL da anistia do golpe de 8 de janeiro para uma Comissão Especial, em vez de ele ficar só na CCJC.

Olhe o que os bolsonaristas fizeram nesse processo eleitoral! Eles fizeram duas propostas de emenda à Constituição para anular o Supremo Tribunal Federal, ou seja, é a ditadura que eles queriam, na marra. Não temos mais três Poderes. O Legislativo pode suprimir qualquer decisão do Supremo Tribunal Federal e do Judiciário. Isso significa o que exatamente? Significa que uma maioria Parlamentar, feita de extrema direita, fisiologismo, clientelismo e corrupção, essa somatória, decidiria os rumos do País.

A segunda questão não foi só discutir a decisão monocrática, porque isso é passivo de discussão no próprio Supremo, mas sim anular simplesmente qualquer decisão do Supremo Tribunal Federal. Esse é o segundo golpe de Estado que eles tentaram aqui, que é, obviamente, inconstitucional.

Agora, essa Comissão de Anistia está sendo colocada pelo Arthur Lira porque eles queriam submeter à chantagem de dar anistia para votar no Presidente da Câmara, em 1º de fevereiro. Isso também é outro escárnio patrocinado por esses fascistoides que continuam atacando a democracia brasileira.

O que ocorre é que aqueles que já foram condenados... A televisão televisionou tudo, nós sabemos quem são os criminosos, mais de 5 mil. Há aqueles que ficaram na surdina, os covardes, como Bolsonaro. Mas todas as provas foram



levantadas pela Polícia Federal e pelo Ministério Público, e serão julgadas pelo Supremo Tribunal Federal.

O Bolsonaro não vai sair livre dessa, porque ele praticou crimes contra a vida no nosso País. Ele é genocida, pois mais de 300 mil mortos estão na sua conta, por causa da COVID-19, no nosso País. Ele é ladrão de joias, falsificador de vacinas e, ainda pior, cometeu atentado contra o Estado Democrático Direito e golpe de estado no dia 8 de janeiro.

Um ano depois, anistiado? Não, ele não vai ser anistiado e ele vai pagar com a cadeia. É isso o que vai desmobilizar o assanhamento dos bolsonaristas e da extrema-direita, como ele, que também foi derrotado na eleição. Mais do que isso, o povo vai ficar feliz quando Bolsonaro for algemado e entrar na cadeia. Isso é justiça. Não à anistia de bolsonaristas!

Documento 8/13

182.2024	Sessão Ordinária - CD	29/10/2024-09:46
Publ.: DCD - 10/30/2024 -	Julio Arcoverde-PP -PI	
	HOMENAGEM	HOMENAGEM DISCURSO

Sumário

O Deputado discursou na Sessão Solene em Homenagem ao Dia Nacional dos Profissionais Intensivistas. Destacou a importância desses profissionais que, apesar das dificuldades estruturais e da escassez de médicos especializados, desempenham um papel crucial na saúde do País. Ademais, alertou para o déficit de intensivistas no Brasil, apontando a necessidade de mais de 40 mil profissionais para atender à população. Além disso, enfatizou a dedicação dos intensivistas durante a pandemia de COVID-19 e a urgência de melhorar a formação e as condições de trabalho na área, especialmente nas regiões mais distantes dos grandes centros urbanos. Por fim, reafirmou o compromisso de apoiar a valorização dessa categoria essencial para a saúde pública.

O SR. JULIO ARCOVERDE (Bloco/PP - PI. Sem revisão do orador.) - Exmo. Sr. Presidente da Mesa, Dr. Luiz Ovando, de quem tenho a honra de ser colega no partido Progressistas; Exma. Presidente da Associação de Medicina Intensiva Brasileira, minha amiga conterrânea do Piauí, Dra. Patricia Veiga de Carvalho Mello; Sr. Estevam Rivello Alves, médico e 2º Secretário do Conselho Federal de Medicina; Dra. Sandra Regina Lima Carneiro, representante da Secretaria de Saúde do Distrito Federal; Sr. Ederlon Rezende, médico e Presidente do Conselho Consultivo da AMIB, antes de iniciar o meu pronunciamento, também queria saudar todos os médicos intensivistas de forma particular na pessoa da minha sobrinha Bárbara Arcoverde, que é uma



grande profissional, reconhecida.

Bárbara, orgulha muito a nossa família você ter essa dedicação à medicina, como o seu avô.

Hoje me sinto profundamente honrado em realizar, junto com meu querido amigo Luiz Ovando, esta Sessão Solene em Homenagem ao Dia Nacional dos Profissionais Intensivistas, comemorado anualmente no dia 10 de novembro.

Sejam todos bem-vindos!

A vida nos ensina que grandes bênçãos podem vir em momentos de extrema dificuldade. É o que comprova diariamente no Brasil o valoroso trabalho dos médicos intensivistas, profissionais altamente especializados em salvar vidas nas situações mais críticas.

É fato que já estamos acostumados a enaltecer ídolos midiáticos, atletas, artistas, e até famosos influenciadores do universo digital, que são frequentemente louvados. Precisamos reconhecer, senhoras e senhores, porém, que, antes dos mais autênticos heróis do mundo real, estão os trabalhadores da saúde de nosso País.

Por que falo especificamente? Porque, ao contrário dos outros países de economia de porte comparável à nossa, os profissionais de medicina intensivistas são obrigados a ter, além da elevadíssima capacitação técnica já comprovada, uma habilidade sobre-humana para enfrentar antigos problemas estruturais.

Atualmente, de acordo com o estudo *Demografia Médica*, do Conselho Federal de Medicina, temos menos de 9 mil intensivistas no Brasil, quando seriam necessários mais de 40 mil para atender a nossa população.

Esse déficit numérico foi percebido, em especial, durante a recente pandemia da COVID-19, quando houve um gigantesco esforço de superação pessoal de cada médico e médica brasileiros. Os intensivistas, senhoras e senhores, venceram a guerra sanitária com bravura, competência e sacrifícios pessoais que só mesmo cada um deles poderia contabilizar.

Para esses profissionais, a batalha diária pela vida jamais termina. São os intensivistas que, longe dos holofotes, seguem salvando vidas ao tomar, em poucos segundos, decisões embasadas por anos de estudo, trabalho e permanente especialização. Em uma atividade em que não se admitem erros e que muitas vezes nem permite descanso, os intensivistas brasileiros se tornaram símbolo de excelência profissional. Mais do que isso, também são campeões de empatia, de atendimento humanizado e solidário.

Não tenham dúvidas, senhoras e senhores, de que são tão ou mais competentes que os médicos do chamado Primeiro Mundo, até porque, ao contrário destes, eles exercem seu ofício em circunstâncias totalmente desfavoráveis. Uma delas



é a concentração regional. Mais da metade dos médicos intensivistas estão em apenas uma das cinco regiões brasileiras, a Região Sudeste, e a grande maioria atua nas capitais.

É urgente, portanto, incentivar a formação de mais profissionais e garantir uma remuneração justa, inclusive para aquelas pessoas que trabalham fora dos grandes centros médicos. Equipar adequadamente unidades de terapia intensiva do Sistema Único de Saúde e da rede particular é fundamental. Nada, porém, compara-se à importância da valorização do trabalho dos médicos intensivistas. Estes, sim, são insubstituíveis e merecedores da permanente atenção de legisladores e formadores de políticas públicas.

Contem com o nosso trabalho parlamentar, contem com o nosso empenho na Câmara dos Deputados para apoiar iniciativas que reconheçam e recompensem cada vez mais essa nobre categoria dos médicos intensivistas brasileiros!

Muito obrigado. Bom dia.

Documento 9/13

182.2024	Sessão Ordinária - CD	29/10/2024-10:14
Publ.: DCD - 10/30/2024 -	Sandra Regina Lima Carneiro--- ---	
	HOMENAGEM	HOMENAGEM DISCURSO

Sumário

A Representante da Secretaria de Saúde do Distrito Federal discursou na Sessão Solene em Homenagem ao Dia Nacional dos Profissionais Intensivistas. Destacou a importância do reconhecimento e valorização da especialidade de medicina intensiva. Ademais, elogiou o trabalho das equipes de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) que, durante a pandemia de COVID-19, desempenharam papel crucial para salvar vidas e proporcionar esperança. Além disso, abordou os desafios enfrentados pelo Distrito Federal que, apesar de ter a melhor relação de leitos de UTI por habitante entre os Estados da Federação, ainda luta por maior oferta de leitos, especialmente para a população dependente do Sistema Único de Saúde (SUS). Por fim, manifestou seu orgulho de fazer parte dessa categoria profissional.

A SRA. SANDRA REGINA LIMA CARNEIRO - Exmo. Deputado Julio Arcoverde, Presidente desta sessão solene; Exmo. Deputado Dr. Luiz Ovando; Ilma. Dra. Patricia Mello, Presidente da Associação de Medicina Intensiva Brasileira e cara colega de ofício; Ilmo. Sr. Estevam Rivello, representante do Conselho Federal de Medicina; Ilma. Dra. Lívia Vanessa Pansera, Presidente do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal; Ilmo. Dr. Ederlon Rezende, Presidente do Conselho Consultivo da AMIB; senhoras e senhores,



inicialmente, em nome da Secretária de Estado de Saúde do Distrito Federal, eu gostaria de parabenizar esta Casa pela iniciativa de realização desta sessão solene em homenagem aos profissionais intensivistas. Gostaria também de agradecer o reconhecimento e a visibilidade merecida e necessária que esta homenagem traz para a nossa especialidade.

O trabalho que é feito em cada UTI do País por numerosas equipes multidisciplinares ressoa de forma positiva e contundente em nossa sociedade. É este trabalho, o cuidado intensivo, que devolve entes queridos e pessoas próximas acometidas por situações críticas de saúde ao convívio com a família e os amigos.

Isso se fez mais relevante ainda quando recentemente houve a crise humanitária em decorrência da pandemia de COVID-19. Segundo dados da Universidade Johns Hopkins, houve aproximadamente 38 milhões de casos de COVID-19 no Brasil, até o momento, e 700 mil vidas de brasileiros foram ceifadas. Muitos ouviram falar pela primeira vez sobre os profissionais intensivistas apenas nesse cenário da pandemia, em função do trabalho diuturno e incansável dos profissionais intensivistas em todos os rincões do País, o que diminuiu o número de mortes e trouxe esperança para uma população tão desalentada naquele momento.

Os profissionais intensivistas já trabalhavam antes da pandemia, trabalharam incessantemente durante a pandemia e seguem trabalhando agora, com o mesmo afinco e com o mesmo propósito de salvar vidas e devolvê-las para a comunidade.

Inquestionavelmente, nós profissionais intensivistas somos um elo forte na cadeia do cuidado em saúde como um todo. Atualmente, no Distrito Federal, existem 2.065 leitos de UTI adulto, pediátrico e neonatal registrados no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde. Desses, 571 leitos são oferecidos pelo Sistema Único de Saúde. O Distrito Federal possui a melhor relação de número de leitos de UTI por habitante da Federação: 7,37 leitos para cada 10 mil habitantes, sendo 2,63 leitos de UTI SUS para cada 10 mil habitantes.

Mas, ainda assim, grandes são os desafios para aumentar a oferta de leitos de UTI, especialmente para a população SUS-dependente, e muitos são os esforços envidados para qualificar e estruturar a assistência em terapia intensiva, com o objetivo de atender a população da nossa cidade com segurança e qualidade.

Por fim, orgulho-me de fazer parte dos profissionais intensivistas. Tenho certeza de que seguiremos servindo à população, amparados sempre pela ciência e pelo amor à vida.

Muito obrigada.



Documento 10/13

182.2024	Sessão Ordinária - CD	29/10/2024-10:18
Publ.: DCD - 10/30/2024 -	Estevam Ravello Alves---	---
	HOMENAGEM	HOMENAGEM DISCURSO

Sumário

O Representante do Conselho Federal de Medicina (CFM) discursou na Sessão Solene em Homenagem ao Dia Nacional dos Profissionais Intensivistas. Enfatizou sua contribuição para a especialidade médica de medicina intensiva no Conselho Federal de Medicina (CFM), ressaltando a crescente necessidade de mais profissionais da área. Ademais, alertou que, embora o número de especialistas tenha aumentado, a distribuição desigual de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) no Brasil, com maior concentração nas capitais e regiões metropolitanas, continua sendo um desafio. Além disso, lamentou o impacto sobre a saúde pública da pandemia da Covid-19, que elevou a mortalidade devido à escassez de profissionais capacitados, e defendeu a necessidade de maiores investimentos em saúde. Ao final, enviou uma saudação especial aos intensivistas, em particular ao Dr. Nairo José, que implantou o primeiro leito de terapia intensiva no Estado do Tocantins.

O SR. ESTEVAM RIVELLO ALVES - Bom dia a todos.

Inicialmente, cumprimento o Presidente Julio Arcoverde, autor do requerimento desta sessão solene em homenagem ao Dia do Intensivista.

Cumprimento todos os Deputados presentes. Não poderia deixar de destacar a presença do Deputado Dr. Luiz Ovando, que muito bem representa nesta Casa o Estado de Mato Grosso do Sul, os médicos brasileiros e também os interesses da saúde pública de todos os brasileiros.

Senhoras e senhores, eu tenho hoje a satisfação, Dra. Patricia Machado, de poder contribuir com a especialidade médica de medicina intensiva no Conselho Federal de Medicina. Enxergo bem o papel do intensivista. Aqui foi ressaltada a necessidade de maior número de profissionais formados. Nós temos noção de que esses dados ofertados pela demografia médica do CFM trazem o extrato do número do especialista no Brasil.

Nós também devemos levar em consideração que, de acordo com esses dados, a população brasileira não se subdivide de forma harmônica no território nacional. Grande parte da população brasileira está na margem litorânea e pouco se concentra no interior do Brasil profundo. Portanto, os dados que nós apresentamos dizem respeito a um número crescente de profissionais fornecidos à sociedade brasileira. Entretanto, de alguma forma, nós também devemos levar em consideração que nem todas as cidades do Brasil têm a *expertise* ou possuem a capacidade de ter leitos de terapia intensiva, os quais



muitas vezes se concentram nas capitais, em regiões metropolitanas ou em cidades de maior suporte.

Nesse sentido, acredito que essa especialidade médica contribui, e muito, para a boa assistência da população, como aqui bem trouxe o Dr. Ederlon Rezende, com dados que são incontestes, demonstrados através de coleta bibliográfica feita nos leitos das terapias intensivas da metade dos leitos do Brasil. Portanto, essa é a maior pesquisa feita hoje dentro do território brasileiro em relação à terapia intensiva.

Conforta-nos dizer que nós temos um perfil dentro da assistência médica na UTI que vai do plantonista, que, muitas vezes, como foi acertado dizer, não necessariamente precisa ser especialista — mas que bom quando é especialista —, até a figura do rotinista, que passa em visita aos pacientes todos os dias, e a do diretor técnico desses leitos de terapia intensiva. Esses dois perfis, sim, necessariamente precisam ser habilitados.

Dentro desse conforto de assistência, nós temos uma equipe multiprofissional. É importante que tanto a Câmara quanto o Senado possam observar que é necessário investir mais em saúde, especialmente nessa área da saúde que tanto carece de assistência.

O Brasil perdeu muitos leitos de terapia intensiva. Com a pandemia, viu-se a necessidade de se implantarem novos leitos, para dar resposta. O que nós tínhamos era uma assistência com equipamento de qualidade, mas se viu também que, durante a pandemia, a tendência de mortalidade subiu, porque não tínhamos número suficiente de profissionais habilitados e capacitados para cuidar do doente extremamente grave. Isso é um fator de impacto que altera a quantidade de assistência e que muda um desfecho desfavorável, o que muitas das vezes hoje se espera. Hoje, entre 10 pacientes que internam num leito de terapia intensiva, 9 pacientes recebem alta. Isso é o que dá dignidade à assistência em uma especialidade tão importante.

Portanto, eu vejo este evento como um evento necessário, porque aqui nós estamos tratando do doente mais crítico. Isso não quer dizer que os outros não sejam, mas essa é uma especialidade que requer muito da capacidade do profissional. Nós temos uma sociedade de especialidade que defende a medicina, que defende os especialistas. Nós, no Conselho Federal, devemos sempre implantar resoluções que defendam o exercício profissional justo e ético dessa especialidade tão importante no Brasil.

Dessa forma, eu me despeço e agradeço a oportunidade, trazendo um abraço a todos os intensivistas, em especial ao Dr. Nairo José, que implantou o primeiro leito de terapia intensiva no Estado do Tocantins.

Saúdo a todos os intensivistas brasileiros!

Muito obrigado.



Documento 11/13

182.2024	Sessão Ordinária - CD	29/10/2024-10:22
Publ.: DCD - 10/30/2024 -	Lívia Vanessa Ribeiro Gomes Pansera--- ---	
	HOMENAGEM	HOMENAGEM DISCURSO

Sumário

A Presidente do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal discursou na Sessão Solene em Homenagem ao Dia Nacional dos Profissionais Intensivistas. Destacou a importância da medicina intensiva no tratamento de pacientes críticos e na gestão de unidades de terapia intensiva (UTI). Ademais, enalteceu o papel essencial dos intensivistas durante a pandemia de COVID-19, ressaltando a aplicação de terapias baseadas nas melhores evidências científicas e distinguindo entre autonomia e onipotência médica. Além disso, alertou para o crescente desafio da saúde mental dos médicos devido ao estresse e à sobrecarga emocional. Por fim, defendeu a valorização dos profissionais, com ênfase em melhores condições de trabalho e apoio à saúde mental, e garantiu aos médicos todo o apoio do Conselho Regional de Medicina (CRM) do Distrito Federal.

A SRA. LÍVIA VANESSA RIBEIRO GOMES PANSERA - Bom dia a todos e a todas.

Eu gostaria de cumprimentar o Exmo. Deputado Julio Arcoverde; o Exmo. Deputado Dr. Luiz Ovando; o Dr. Estevam, representante do Conselho Federal de Medicina; a Dra. Patricia, Presidente da AMIB; a Dra. Sandra, RTD de Medicina Intensiva na Secretaria de Saúde; e o Dr. Ederlon, também representante da AMIB.

Cumprimento também os intensivistas presentes nesta sessão, na pessoa do Dr. Rodrigo Biondi, que também é Conselheiro do CRM-DF.

É com imensa honra que represento o Conselho Regional de Medicina nesta Sessão Solene em homenagem aos intensivistas, esses profissionais tão importantes na linha de cuidado.

A medicina intensiva é a especialidade médica dedicada ao tratamento de pacientes que apresentam um estado crítico ou que demandam um monitoramento constante e cuidados intensivos. Os médicos intensivistas lidam com situações complexas que exigem decisões rápidas e precisas, normalmente em unidades ou centros de terapia intensiva. Fazem a gestão de cuidados avançados, muitas vezes em pacientes instáveis, e a gestão de recursos tecnológicos, além de coordenarem uma abordagem multidisciplinar no atendimento ao paciente. A rotina de trabalho dentro das UTIs é intensa e



desafiadora: envolve o manejo clínico do paciente, aspectos éticos e emocionais, o cuidado com os doentes e o apoio aos seus familiares.

Na recente pandemia de COVID-19, pudemos observar um aumento de visibilidade para a medicina intensiva, uma vez que os pacientes que desenvolveram formas graves ou críticas da doença necessitaram de suporte ventilatório e suporte clínico em UTIs. Nesse momento, a importância da especialidade na estrutura hospitalar moderna e na resposta a emergências de saúde pública ficou ainda mais evidente.

Destaco aqui o importantíssimo papel dos médicos intensivistas, neste momento de grande fragilidade e incerteza, na valorização da medicina baseada em evidências. É sempre importante distinguir a autonomia médica, um pilar de nossa profissão, da onipotência médica. Ressalto aqui, em especial, o papel da AMIB, que tem sido uma incansável defensora, na ciência aplicada com ética, das terapias baseadas nas melhores evidências, incluindo a vacinação.

Vivemos tempos desafiadores e transformadores, com tratamentos inovadores, descobertas científicas e avanços tecnológicos, como a inteligência artificial, que estão modificando a prática médica. É importante que nos mantenhamos abertos ao novo e comprometidos com o aprendizado contínuo, mas sempre preservando o humanismo e a ética, que são a base da nossa profissão.

Neste momento, eu não poderia deixar de falar sobre um tema crucial para a nossa classe: a saúde mental dos médicos, sobretudo dos intensivistas. Discutir saúde mental em nossa profissão tornou-se ainda mais urgente, considerando-se o crescente número de médicos afetados por transtornos mentais, especialmente após a pandemia. O aumento desse problema é alarmante e pode ser atribuído a fatores como longas jornadas de trabalho, sobrecarga emocional, pressão por resultados e, em muitos casos, falta de suporte adequado.

Nós, que dedicamos as vidas a cuidar de outras vidas, frequentemente colocamos nossa própria saúde em segundo plano. Contudo, estamos cada vez mais expostos a níveis insustentáveis de estresse e *burnout*, em especial em ambientes como o de terapia intensiva. O desgaste emocional, a pressão por decisões rápidas e precisas e a dificuldade em equilibrar a vida pessoal e profissional podem cobrar um preço alto.

Precisamos, com urgência, eliminar o estigma em torno do cuidado da saúde mental e promover um ambiente que valorize o cuidado integral, incluindo o cuidar de quem cuida. Além disso, para a valorização dos médicos intensivistas, devemos considerar não apenas os aspectos individuais, mas também as condições de trabalho adequadas e estrutura de carreira, o que permitirá maior interiorização da atenção terciária e acesso aos que mais precisam.

Quero deixar registrado, neste momento, que o Conselho Regional de



Medicina está à disposição de vocês aqui no Distrito Federal.

Muito obrigada pela oportunidade.

Mais uma vez, parabéns a todos os médicos intensivistas e médicas intensivistas!

Documento 12/13

182.2024	Sessão Ordinária - CD	29/10/2024-10:26
Publ.: DCD - 10/30/2024 -	Patricia Machado Veiga de Carvalho Mello---	---
	HOMENAGEM	HOMENAGEM DISCURSO

Sumário

A Presidente da Associação de Medicina Intensivista Brasileira (AMIB) discursou na Sessão Solene em Homenagem ao Dia Nacional dos Profissionais Intensivistas. Destacou a relevância da medicina intensiva e o papel fundamental dos intensivistas no cuidado de pacientes graves, elogiando os avanços tecnológicos que transformaram essa especialidade. Ademais, enfatizou o impacto da pandemia de COVID-19, que evidenciou a importância de equipes multidisciplinares bem estruturadas nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). Além disso, criticou a má distribuição de leitos de UTIs e a invisibilidade histórica da medicina intensiva no Brasil, defendendo a valorização dos profissionais e investimentos para garantir assistência de qualidade e equidade no acesso aos leitos. Adicionalmente, defendeu a necessidade de gestão eficiente, pesquisa científica, educação continuada e implementação de marcos regulatórios. Por fim, solicitou o apoio dos Parlamentares para garantir a excelência no cuidado intensivo e a dignidade no exercício dessa profissão essencial para a saúde pública.

A SRA. PATRICIA MACHADO VEIGA DE CARVALHO MELLO -
Bom dia a todos.

Saúdo o Exmo. Presidente da Mesa, Deputado Julio Arcoverde; o Exmo. Deputado Dr. Luiz Ovando; e os demais Deputados e Deputadas.

Saúdo o Dr. Estevam Rivello; a Dra. Livia Vanessa Pansera e a Dra. Sandra Carneiro, na pessoa dos quais cumprimento todos os colegas médicos presentes.

É uma honra estar aqui hoje representando a comunidade intensivista do nosso País e a AMIB, para falar de um tema de grande importância: a medicina intensiva e o cuidado de excelência do paciente grave.



Todos nós aspiramos ter saúde. Infelizmente, esperar que a saúde não nos falte é um desejo fora do escopo da realidade. Mais cedo ou mais tarde, vamos vivenciar ao longo da vida a falta da saúde nossa ou de pessoas próximas. E, em um dado momento, a falta grave da saúde levará a vida. Dessa forma, na falta da saúde, o mais importante é que tenhamos o cuidado e que esse cuidado seja competente. O cuidado competente exige excelência técnica e científica, acesso a serviços de saúde estruturados, segurança e humanidade.

O intensivista é o profissional especializado no cuidar dos pacientes em seu momento de maior gravidade. Ele recebe pacientes de todas as especialidades médicas e é o responsável por identificar rapidamente as situações de risco, monitorar os órgãos vitais e oferecer um suporte avançado e complexo a pacientes com acometimento simultâneo de vários órgãos.

A medicina intensiva surgiu no mundo entre as décadas de 40 e 60, quando houve uma explosão da tecnologia e do conhecimento médico. Com o surgimento da hemodiálise, de respiradores artificiais, de desfibriladores, de forma conjunta, tornou-se possível sobreviver a quadros que antes eram invariavelmente fatais. Tornou-se possível sobreviver até mesmo à morte súbita, com as técnicas de ressuscitação cardiopulmonar. Passamos a fazer voltar a bater o coração que parava. Com isso, houve a necessidade de um local e de profissionais vocacionados para cuidar desses pacientes graves. Nasceram o paciente crítico, as UTIs e os intensivistas.

Creio que todos sabem que foi através da medicina intensiva e dos primeiros intensivistas do mundo que se tornaram possíveis a medicina de transplante, as cirurgias complexas, como neurocirurgias e cirurgias cardíacas e inúmeras outras relacionadas a condições clínicas que evoluem com gravidade.

No Brasil, esses avanços chegaram de forma concomitante ao seu surgimento no mundo. Na década de 60, nossas primeiras UTIs tinham acesso a todas as tecnologias disponíveis, no entanto com duas diferenças muito importantes. O reconhecimento pleno da especialidade medicina intensiva só ocorreu no Brasil em 2002, com um atraso de pelo menos 20 anos, comparado ao havido em países ditos do Primeiro Mundo. Isso comprometeu, retardou a formação de especialistas integralmente dedicados à especialidade e à sua profissionalização. A especialidade foi largamente praticada por outros especialistas.

A outra diferença foi que esses avanços permaneceram em poucas regiões do País por muitos anos, e até hoje falta equidade no acesso a uma medicina intensiva de excelência para muitos brasileiros. Para nós, intensivistas — e assim me refiro a toda a nossa equipe multidisciplinar —, é inacreditável que uma especialidade tão vital e importante para a saúde de todos nós possa ter permanecido por tanto tempo em uma situação de tamanha invisibilidade em nosso País.

Recentemente, vivemos uma pandemia que revelou ao mundo e ao Brasil, de forma inequívoca e inquestionável, o papel e a importância dos intensivistas.



De repente, todos compreenderam a importância de se ter acesso a um leito de UTI, para quem precisa. Todos compreenderam que um leito de UTI não é apenas uma cama rodeada por equipamentos e que os bons resultados somente são alcançados através do trabalho de uma equipe multidisciplinar adequadamente dimensionada e capacitada, a qual representa o verdadeiro tesouro de toda UTI.

Creio que todos se lembram de que, no início da pandemia, existia um clamor por leitos de UTI e respiradores. Mas, em um segundo momento, muitos pacientes passaram a temer ir ao hospital e a recusar o uso dos respiradores. Isso para nós foi muito emblemático e muito difícil, pois sabíamos que um paciente em insuficiência respiratória aguda refratária tinha nessa terapia a sua única chance de sobreviver. Por que a recusavam? O medo surgiu dos relatos de insucesso. O insucesso revelava o que nós já sabíamos: o imprevisto não gera bons resultados em um ambiente complexo de uma UTI. Equipamentos não salvam vidas e muito menos cuidam de pessoas. O verdadeiro tesouro de toda UTI está na competência e na experiência de sua equipe. Diante do que vivemos numa situação de pandemia, infelizmente não foi possível prover isso.

Agora, com a inteligência artificial, estamos presenciando, até mesmo no dia a dia, grandes avanços tecnológicos, que certamente trarão avanços científicos na medicina. Quem sabe teremos a chance de presenciar uma nova geração de sobreviventes de condições hoje ainda fatais. Os intensivistas certamente estarão no centro dessas transformações. Estamos prontos para contribuir.

A medicina intensiva é uma especialidade dura, complexa, tecnicamente difícil, psicologicamente e emocionalmente desafiadora, que nos coloca direta e diariamente em contato com os maiores desafios do viver e também de nossa própria finitude. Em seu exercício, esperam de nós a entrega de um trabalho com rigor científico extremo e também com o melhor da nossa humanidade. A escolha dessa especialidade é fortemente baseada em vocação, e em troca recebemos, sim, as mais lindas lições da vida, o que nos faz a cada dia sair do trabalho mais aptos a viver melhor antes de morrer. Mas queremos mais que isso. Queremos e precisamos de uma medicina intensiva de excelência para todos os brasileiros.

Então, do que precisamos? Precisamos de vigilância para o funcionamento responsável das UTIs. Precisamos de implementação dos marcos regulatórios já existentes e respeito a eles. Precisamos de estratégia de gestão eficiente dos recursos nessas unidades — a gestão amadora pode promover distanásia, ou seja, prolongar de forma dolorosa e ineficaz a vida, sem diminuir a mortalidade dos pacientes, além de aumentar os custos de forma muito significativa. Precisamos de estratégias para solucionar a má distribuição crônica de leitos e de profissionais qualificados, a fim de gerar equidade no acesso a essa assistência. Precisamos de incentivo à pesquisa científica no ambiente de medicina intensiva brasileira, que, apesar de todas as dificuldades, tem alcançado respeito internacional. Precisamos de educação continuada para os plantonistas não intensivistas, em especial para os que atuam longe dos grandes centros. Precisamos de visibilidade para esse trabalho tão essencial e



importante, com investimento e valorização.

Nosso trabalho acontece diuturnamente à beira do leito dos pacientes mais graves. Não podemos ser lembrados apenas em catástrofes e pandemias. Não podemos ser esquecidos. Não podemos não ter a compreensão de que precisamos viver, sobreviver e envelhecer em nossa profissão, para, assim, sermos guiança à beira do leito e inspiração para que jovens possam acreditar que, sim, vale a pena seguir suas vocações.

Por isso, estamos muito felizes e muito honrados com a homenagem e com a oportunidade de sermos ouvidos, hoje, nesta Casa.

Precisamos de vocês, nossos representantes, para que a qualidade e segurança dessa assistência seja assegurada a todo cidadão brasileiro, para que, quando lhe faltar gravemente a saúde, nos momentos mais delicados de sua vida, ele possa receber o cuidado competente de que precisa e que merece.

Então, muito obrigada, mais uma vez, por esta oportunidade e pela atenção de todos.

Documento 13/13

186.2024	Sessão Ordinária - CD 30/10/2024-21:04
Publ.: DCD - 10/31/2024 -	Roberto Duarte-REPUBLICANOS -AC
ENCERRAMENTO	DISCURSO ENCAMINHADO DISCURSO

Sumário

O Deputado criticou a gestão do Ministério da Saúde sob o Governo de Lula, destacando a falta de insumos essenciais e vacinas em mais de 60% dos municípios brasileiros. Mencionou que vacinas importantes, como as contra varicela, Covid infantil, tetra viral e hepatite A, estão em falta, o que considera um retrocesso na saúde pública e um risco de retorno de doenças previamente controladas. Destacou também que, apesar de anúncios de repasses financeiros, o Governo não tem garantido a disponibilidade de imunizantes e criticou a comunicação oficial sobre a vacina da dengue, afirmando que isso contribui para a falta de conscientização e aceitação da vacina.

DISCURSO NA ÍNTEGRA ENCAMINHADO PELO SR. DEPUTADO ROBERTO DUARTE (SEM REGISTRO TAQUIGRÁFICO).



Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Parlamentares, venho a esta tribuna hoje para falar sobre a ineficiência do Ministério da Saúde do governo do Sr. Lula da Silva.

A Confederação Nacional de Municípios publicou pesquisa em que demonstra que seis em cada dez municípios sofrem com a falta de insumos essenciais para a cobertura vacinal plena. Ou seja, 64,7% dos municípios brasileiros sofrem com a falta de vacinas para imunizar as crianças e a população em geral.

Curiosamente, a vacinação foi o grande tema do desfile de 7 de setembro deste ano, e, ainda assim, faltam imunizantes para o cumprimento do Calendário Nacional de Vacinação, trazendo o risco de voltarmos a enfrentar doenças que já se encontram controladas, como a paralisia infantil.

É preciso lembrar que este governo não se cansou de acusar o ex-presidente Jair Bolsonaro de genocida, acusando-o, falsamente, de ter negado vacinas à população. Agora, após dois anos de governo petista, temos notícias de que lotes inteiros de vacinas contra a Covid se perderam por terem ultrapassado o prazo de validade.

A situação nos municípios é desesperadora. O imunizante Varicela foi o que mais faltou, não chegando a 1.210 Municípios. A vacina contra a Covid para crianças é a segunda mais em falta. O imunizante apresentou falta em 770 Municípios, com uma média de 30 dias de atraso.

O apagão que o Brasil enfrenta nas vacinas atinge a Tetraviral, que combate o sarampo, a caxumba, varicela e a rubéola, que não chegou em 447 Municípios; a Hepatite A, que não chegou em 307 Municípios; e a DTP, que combate a difteria, tétano e coqueluche, em falta em 288 Municípios. Isso sem falarmos na vacina contra a Dengue, doença que em 2024 causou 5.618 mortes, número



mais alto que as vítimas da Covid no mesmo período.

Então, resta claro que o Ministério da Saúde é ineficiente e que o Sr. Lula da Silva é incompetente para garantir o calendário vacinal. Mas, enquanto isso, persegue pais que optam pela não vacinação dos seus filhos contra o HPV.

Quando questionado, o governo anuncia bilhões em repasses para o Ministério da Saúde, que não consegue transformar esses recursos, se é que existem, em imunizantes para a população.

No caso da dengue, por exemplo, a ministra anuncia compras em quantidade insuficientes. Sem doses suficientes, a ministra dá declarações minimizando a importância da vacina, com isso a população começa a pensar que a vacina não tem papel no enfrentamento da doença e deixa de se imunizar, com isso os imunizantes se perdem, pois falta uma comunicação eficiente. Esses são os elementos para uma tragédia anunciada.

Com isso, entre idas e vindas, entre desistências de compras de vacinas como a japonesa Qdenga, estamos nos encaminhando para um retrocesso na saúde pública, com a perspectiva de retorno de doenças que já estavam controladas no país.

E agora, sem Jair Bolsonaro como bode expiatório, quem é negacionista? Quem desdenha das vacinas?

Este é a verdadeira síntese do modelo petista de governo. Muita verbosidade, nenhuma eficiência e a implantação do caos, sempre apontando o dedo para inimigos imaginários.

Era o que tinha a dizer. Solicito que meu pronunciamento seja difundido na Voz do Brasil e demais órgãos de comunicação desta Casa.